



PARANÁ - FEV./2016 - ED. VI - ANO VI

RelevO

Editorial

4 RICARDO
ESCUDEIRO

10 MATEUS
SENNÁ

16 ANDRÉ
PACKER

8 MARIA C.
DE BONIS

14 JANDER
MINOSSO

11 JULIE
FANK

15 VINÍCIUS
PEREZ

17 MATEUS JOSÉ
MINEIRO

20 FELIPE
GOLLNICK

19 LÁZARA
PAPANDREA

24 CARLA
KINZO

18 LUIZA
CANTANHÊDE

22 VALÉRIA
PARELHO

Em janeiro, fomos um impresso mensal de literatura que deu lucro.

Foi um assustamento geral. Historicamente, o primeiro mês do ano é sempre perigoso. Os outros meses também. Janeiro são as contas acumuladas das festas de encerramento da temporada; os prepúcios do Carnaval por vir; os assinantes e anunciantes que estão viajando; as crises existenciais da equipe editorial. Tudo conspira para o medo de desaparecer. Mas não no nosso janeiro de 2016.

Acontece também que estamos existindo há quase seis anos, em pequenos prejuízos, mas não exatamente em dificuldades extremas – até porque, se fosse tão difícil, fariamos outra coisa. Seguimos andando no escuro. De fato, o **RelevO** nunca foi reconhecido por sua expertise em negócios. Somos o tradicional jornal sem fins lucrativos porque não consegue. Nosso slogan é de que, qualquer coisa, a culpa é do revisor. Nas páginas centrais de setembro, oferecemos aos leitores caralhos para pintar. Temos tendência à autorridicularização.

Não almejamos ser o maior jornal do Brasil.

Não temos interesse em ter mais páginas do que temos.

Não realizamos o *melhor sorriso escocês*.

Não teremos escritórios em outras capitais. (Não temos nenhum escritório.)

Também não queremos só os melhores e mais promissores e mais laureados autores e autoras.

Apenas podemos garantir que você terá em mãos, todo mês, até que não mais, o jornal de literatura mais legal e divertido do país.

Uma boa leitura.

P.S.: Nos últimos doze meses, o **RelevO** deu prejuízo de R\$200. O editor-diretor tomou a liberdade de pegar o saldo do mês, limpar o nome do SCPC e guardar alguns trocados para começar a pagar a gráfica em notas de dinheiro.

expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella

Editor-Assistente Ricardo Pozzo

Revisão Korekktur El Shaarawy

Ombudsman Ben-Hur Demeneck

Projeto Gráfico Marcell Mengarda

Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3500

Edição finalizada em 1/2/2015.

errata

Nosso maior erro em janeiro – como em todos os outros meses do calendário – foi ter amado demais.

ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são de autoria de Rosângela Grafetti <rosangelagrafetti.blogspot.com.br>

quer ilustrar para o **RelevO**? escreva para jornalrelevo@gmail.com

interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeyre, idólatra de Totti e animais de pequeno porte. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Edward Hopper a futebolistas-Pokémon.

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

prestação de contas dez/15

ANUNCIANTES

R\$ 50 Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Insight Coworking; Torto Bar; Toda Letra; **R\$ 100** Editora Penalux; **R\$ 120** Escola de Escrita; **R\$ 300** Allejo (total R\$ 920).

ASSINANTES

R\$ 50 Aline Reis; Antonio Ailton; Beatriz Marques; Cel Bentin; Daniel Franco; Davi Kinski; Eduardo Bueno; Ellen Maria; Eltânia André; Juliana Marques; Liza Bohn; Lucas Gomes; Mari Quarentai; Maria Isabel Bordin; Mauri König; Nara Vidal; Paulo Vallim; Pedro Lemos; Rafael Zaina Gonsalves; Ricardo Escudeiro; **R\$ 100** Luciano Ganho; **R\$ 150** Alvaro Borba (total R\$ 1250).

CUSTOS

Assinaturas: R\$ 330
Distribuição: R\$ 150
Papeleria: R\$ 100
Impressão: R\$ 1.000

Receita total: R\$ 2.170
Custo total: R\$ 1.580
Balanco: R\$ 590

Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: “Como faz?”. Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

da Enclave #7:

Priapismo é uma condição médica na qual o pênis se encontra em uma ereção dolorosa e contínua, mesmo sem estímulos físicos ou psicológicos, por quatro ou mais horas. As causas ainda são pouco elucidadas, mas desordens do sangue ou neurológicas estão associadas com uma maior frequência dessas ereções descontroladas. O nome da condição vem do deus romano Priapus, protetor de ovelhas, abelhas, navegação marítima, mas sobretudo da fertilidade. Não à toa: Priapus era conhecido por ter um membro reprodutor descomunalmente grande e constantemente ereto. A popularidade do seu culto era variada: embora não esteja entre as divindades mais importantes do Panteão greco-romano, em algumas cidades ele era a divindade mais adorada. Inclusive é ele a figura central da Priapeia, uma compilação de poemas clássicos, geralmente obscenos e humorísticos que envolvem sua vida e, evidentemente, sua relação com o enorme pênis.

da Enclave #1:

Festim Diabólico (Rope, 1948), de Alfred Hitchcock, destaca-se como um filme peculiar por duas grandes razões. A primeira delas é estilística: a película parece feita em uma só tomada, sem cortes. Embora fosse tecnicamente impossível, à época, gravar os oitenta minutos da obra em somente um plano-sequência, Hitchcock conseguiu aplicar apenas dez cortes, todos bem disfarçados. A segunda

peculiaridade do filme diz respeito ao enredo, o qual acompanha dois colegas após assassinarem um conhecido. Visando ao crime perfeito, eles organizam uma festa com o cadáver escondido no meio da sala. A inspiração para tamanho sadismo parte da história de Nathan Leopold e Richard Loeb, dois jovens extremamente letrados que em 1924 acreditaram ter realizado o crime perfeito ao matar um garoto de 14 anos, isso apenas pelo exercício intelectual do desafio. Eles, no entanto, foram descobertos e presos.

Cartas do Leitor

NÃO TÁ FÁCIL PRA NINGUÉM

Carlos Nunes: Até gosto do jornal de vocês. Seria melhor se não publicasse tanto poema ruim.

DA REDAÇÃO: *Você deve estar enganado. Não publicamos poemas.*

SU-SUCCESSO

Alcides Brasil: Olá, moro em Maceió e gostaria de ser assinante do **RelevO**. Descobri o jornal graças a uma amiga que mora aí em Curitiba e ela sempre que pode (ou lembra) me manda via correio. Isso acaba sendo um bálsamo, ler não só o **RelevO**, também o Rascunho e o Cândido. E para não chatear muito a coitada, gostaria ser logo assinante de vocês.

DA REDAÇÃO: *Vai acontecer!*

BRASIL QUE DÁ CERTO

Antonio Ailton: Caros editores, agradeço imensamente a publicação do meu poema “Mersault come tomates” nas páginas desse jornal cultural e literário, ainda mais considerando que o fizeram por exclusivo mérito do texto, sem apelos ou conversas de minha parte. Quero parabenizá-los pelo esforço que fazem para manter essa publicação, com escassez de fomentos e recursos, e pela imensa contribuição que fazem

para a nossa cultura na disseminação de um bem superior e insubstituível: a formação direta ou indireta de leitores e novos escritores – algo, enfim, que deveria ser rotina, mas que se torna pérola rara nas condições violentas e degradadas com que somos obrigados a nos deparar diariamente. Desde já também quero dar minha contribuição de qualquer forma possível, a começar pela assinatura do jornal (enviem-me a forma de pagamento, de preferência boleto bancário ou depósito), não porque tive um poema publicado, mas porque estou conhecendo também agora o trabalho de vocês e descubro mais uma fonte de pesquisa sobre a literatura brasileira contemporânea, a qual estudo. Um grande abraço, vitorioso 2016.

Mateus Senna: O melhor Jornal Literário do mundo.

Lucas Gomes: Só porque publicam umas coisinhas suas, né?

DA REDAÇÃO: *aLOko!*

Mateus Senna: Ai, nada a ver.

Felipe Gollnick: Melhor e maior do que sexo.

Lucas Gomes: Brinks migo, seu loko. Você escreve té qui bem.

DA REDAÇÃO: *Será?*

Mateus Senna: **RelevO** citando Renato russo, de LASCAR ein

Rômulo Candal: é barato e lindo. você recebe o jornalzin em casa e ainda ajuda os irmão lá a fazerem esse trampo tão importante pra literatura local.

DA REDAÇÃO: *Comentário patrocinado.*

CAPA

Josy Amélia: Parabéns ao Igor pelas gravuras incríveis!

Rui Werneck de Capistrano: Ó! (de novo)

próxima edição

Francesca Cricelli

Matheus Lara

Piano Bar

kuzuri

RICARDO
ESCUDEIRO



tateio
o que não se segura
só isso

e as baratas e os wolverines e os gojiras

sobrevivem
a atômicos ataques

não morre
também
esse animal pequeno
módico
índice de imaterialidades
que levamos dentro até mesmo

sem
essa de

pertencimento

sem
essa de

acredito falar por todos

quando o fora não existe
a ferocidade do renascimento
só de quem já ficou
entre o que pendula e a bigorna

Ben-Hur Demeneck

Resenhas sob ataque

O **RelevO** consagra um espaço para resenhas nas páginas anteriores à contracapa. Dois leitores foram convocados a opinarem sobre essa seção crítica. Como aqui queremos jornalismo em vez de propaganda, avisamos estar atrás da circulação das ideias em vez de vereditos. Dito isto, vamos aos pontos de vista dos convidados:

COMENTARISTA 1: “O jornal acerta quando publica críticas de livros novos, mas peca quando as críticas não contribuem ao aprofundamento e leitura dessa mesma obra. Em alguns casos, parece que o **RelevO** cai na mesma vala dos periódicos que publicam críticas de livros dos amigos. Ainda assim, como no caso do livro do Alexandre Guarnieri, *Corpo de Festim*, foi importante caminho para que eu conhecesse o livro, o lesse e o achasse incrível”.

COMENTARISTA 2: “[a crítica deste periódico está] há algum tempo repetitiva e adepta da brevidade (ou preguiça) intelectual. [...] Se um texto está pronto para ser denunciado ao público, que o seja sem tropelias enviesadas, disfarçadas de impressão poética sem critérios e à margem de qualquer vocação mediadora”.

A experiência de leitura dos comentaristas tira qualquer dúvida sobre o quanto nossos resenhistas e críticos são acompanhados de perto pelo público. Corre, aliás, uma lenda de que escritor “tem o direito de ser ruim”, mas não o crítico. O motivo seria que o primeiro estaria autorizado até mesmo a se sabotar, enquanto o segundo carregaria um rosário de responsabilidades tão pesado quanto fosse o seu reconhecimento público.

Com o objetivo de embasar sua crítica, o segundo comentarista propôs um “pequeno exercício” e compartilhou conosco um inventário das palavras que estariam promovendo um carnaval de termos vazios e de mau gosto nas críticas do impresso. No

grupo dos adjetivos, haveria um abuso de “autêntico”, “relevante”, “inusitado”, “extremo”, “maior”, “impactante”, “significativa”, “maduro/madura”, “atraente” e “interessante”.

Quanto aos verbos, abundariam os insossos “reflete”, “revela-se”, “reside”, “insere-se”, “constrói”, “desconstrói”, “traduz”, “destaca-se”, “nota-se”, “trata-se de”, “apresenta”, “dialoga com”, “flerta”, “soa”, “questiona”, “demonstra”. É como se fosse proibido o emprego de outros verbos *dicendi*. Nas expressões, parece haver um compromisso com o emprego de “deixou a desejar”, “intimamente relacionado com (...)”, “vale ressaltar que”, “vai da (...) a (...)”.

O COMENTARISTA 2, após listar a repetição de lugares-comuns, faz um diagnóstico severo de como têm sido escritas as análises literárias neste veículo. “A insuficiência de meios verbais para uma formulação estética minimamente sustentável, conteudística e formalmente falando, deriva da imediatez do crítico – e não da crítica”, arremata.

Mediante os comentários 1 e 2, esperamos que os críticos entendam este texto como um sinal de apreço a seus serviços. Voltaremos ao tema das resenhas em outras colunas, porque precisamos de guias para nos localizarmos entre as torres de livros e as nuvens de links. Para apaixonados por publicações como nós somos, as releituras nos causam muito efeito. Jamais ficamos indiferentes a elas.

Agradeço ao editor Daniel Zanella por fazer a ponte com leitores especializados, os quais compartilharam conosco seus pontos de vista. Na condição de jornalista, faço uso do meu direito de preservar as fontes. Ou seja, atesto que os comentaristas existem, enquanto aceito seu pedido por anonimato. O fato de eles não se identificarem publicamente não desabona suas críticas, elas apenas certificam que as retaliações pululam no meio literário.

Nazismo sob edição

Adolf Hitler quer entrar pela porta da frente do mercado editorial brasileiro. Diante de tal expectativa, peço licença aos leitores desta coluna para dar minha contribuição ao debate. Considero um dever intelectual opinar sobre qualquer tentativa de publicação de obras de inspiração racista.

Nossa imprensa, respirando por aparelhos, enquadra as iniciativas de edição de Hitler como “polêmica”. E se assiste à transformação do nazista em peça de liberdade de expressão. Se, na prática, sempre haverá gente disposta a publicar Hitler; uma pergunta de natureza ética estala em nossas mentes: sempre os valores do mercado devem preponderar sobre os da sociedade civil?

Hitler se tornou um ícone da “banalidade do mal”. Em termos literários, sua obra ora é totem, ora é tabu – mas nunca deixa de ser um discurso de ódio. Diante dos traumas do Holocausto, fica difícil contemporizar com o genocida.

Para começo de conversa, um livro amaldiçoado como *Minha Luta* não deveria ser editado e divulgado para figurar semanas a fio na lista de *best-sellers* da Veja. Recordemos que a corrida ao ditador se seguiu à liberação de seus direitos autorais. Ou seja: “são apenas negócios”.

“LIBERDADE DE EXPRESSÃO”: Seria muita sorte nossa se os liberais (aqueles que estão empenhados em “defender a publicação até de Hitler”) empregassem sua energia para denunciarem a violência contra jornalistas e a “censura judicial” dirigida à nossa imprensa, ambas repetidamente noticiadas pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

Segundo o Comitê de Proteção dos Jornalistas (CPJ), nosso país é mais perigoso para o exercício do

jornalismo que o Iraque. Apenas por apurarem informações, seis jornalistas foram mortos no Brasil em 2005; na terra de Saddam Hussein, houve cinco vítimas.

Lembremos que uma das editoras, que é alvo da “polêmica”, presta enorme contribuição à nossa imprensa. Lamentavelmente, na hora de desarmar os espíritos e mostrar serviço de sua “edição duramente crítica a Hitler”, ela tenha optado por uma campanha publicitária a dois passos da apologia ao facinora.

PRATELEIRAS DO ÓDIO: Uma vez que Hitler está sendo reeditado, nada impede que tal “produto” venha a “aquecer esse segmento do mercado” e sejam criadas “prateleiras de ódio” a médio prazo. Sob o manto da “liberdade de expressão”, as editoras podem querer ampliar seu escopo de “documentação histórica” e, por exemplo, democratizarem o acesso aos infames “Protocolos dos Sábios de Sião” e “A História Secreta do Brasil”, de Gustavo Barroso, membro fundador do Integralismo.

MORAL DA HISTÓRIA: “Então quer dizer que você é a favor da censura de livros, caro *ombudsman*?” Nada disso. Eu sou contra Hitler e o que ele representa. Sou contra o Holocausto. “Você acha que uma lei deveria impedir a edição de um livro?” Não. Mas também não quero que Hitler crie jurisprudência para “prateleiras de ódio”. Quero que a cidadania valha mais que o consumo.

Para finalizar, penso que publicar Hitler não pode ser imediatamente associado à “liberdade de expressão”. O episódio demanda discussões éticas que superem o campo falacioso da “polêmica”. O fato dele estar morto e enterrado não isenta de responsabilidades quem “democratize” sua obra. Notas de rodapé não substituem o miolo de um título icônico na transformação do racismo em política de Estado.

CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



Editora Kotter

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR



Luiz Otávio Prendin Costa

POESIAS ESCOLHIDAS
ZEITGEIST

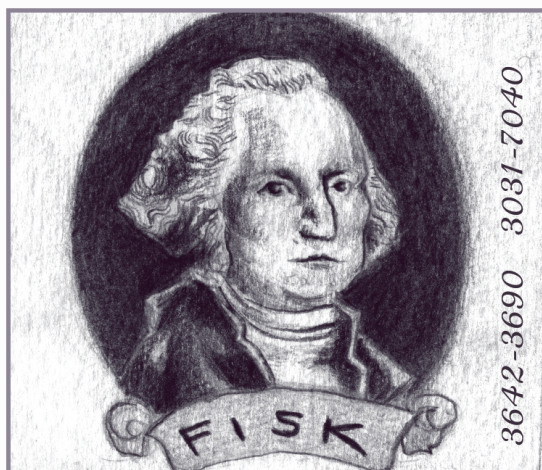
curitiba, paraná

VIDAS TRANSITÓRIAS
OTAVIO LOURENÇO

Disponível em www.poesiasescolhidas.com/zeitgeist



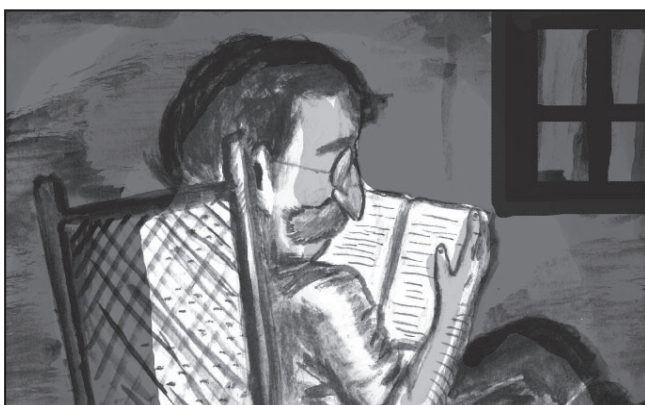
AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando www.editorapenalux.com.br e facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais: originais@editorapenalux.com.br

Aqui, a escrita só um braço.
 não é o corpo inteiro.

Esc. Escola de Escrita. 41 3114-7100; contato@escoladeescrita.com.br; escoladeescrita.com.br



Fábio Tokumoto/Carol Zancalatto

AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881



Alan Amorim



LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

Fábio Tokumoto/Carol Zancalatto

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

MARIA CAROLINA DE BONIS

Dizer está sempre fora do que dizemos

Um.

Dizer está sempre fora do que dizemos
o ato se reproduz em deslocamentos
volta antes e me encontro depois
a língua se desdobra fora do contorno ao redor
dos teus lábios lentamente ao redor da sala meus passos

haveria na gaveta o esquecimento de papéis amarelados
em que não pude registrar e contornei as dobras
de um lado ao outro por personagens
sempre brandos que não viveriam na gaveta
porque a vida diferente do amor
era sempre antes da janela e da despedida
enquanto esquecia os papéis me acenavam
esquecia as estações e o mar em marulhos
fustigando as leis do som como dois sóis
expelindo dentro da sequência de letras
nunca fiquei dentro do que sabia existir
o círculo do registro e o aceno
estou sempre fora do que digo
aceno na pele o que suponho melhor você

Dois.

Você disse
 catástrofe enquanto eu me dirigia levemente
 ondulante e distraída para a cozinha
 depois do mar da praia do azul do invólucro
 de pensar que caminhava sozinha sobre meus pés
 você disse direcionava os olhos para as xícaras
 postas no armário as xícaras de café da avó eu disse
 e vestia dois panos orientais repetiu suavemente
 após lamber os lábios de cima da letra
 a catástrofe imaginei ser um terremoto na ilha
 quantos milhares atingidos
 a casa e suas memórias destroçadas
 a letra muçulmana na memória subterrânea
 as ânforas trincadas serenamente
 nossa posterioridade em minha alma anterior perdida
 um dia da paisagem do corpo
 nem todas as civilizações nômades
 pensei ser a melancolia de um homem
 mas perdoei depois pensei ser a morte
 mas não sabia meu corpo saliente
 afundando no oceano
 pensei o que não queria
 mas depois todo coração ficou brando
 a dor cabia lá acenando lírios
 era sim estampada no jornal do dia
 homens com lírios no peito
 a guerra sem destinação e silenciosa
 lembrei como distendia
 até que pousasse em quem nunca fui
 uma assombração todos os parágrafos devem ser encerrados
 a prosa de quando nada mais cabe
 dentro quando um transbordamento sem destinação.

Três.

Você voltou e acho que eu não estava mais ali
 regressei e eles sabiam
 de terremotos e vinganças
 talvez tudo nunca tenha existido
 eles silenciavam e previam
 nem a ilha nem qualquer parágrafo de cremação
 nem esse sonho em vigília
 de uma catástrofe selvagem
 apenas meu corpo que se via na praia naquela manhã.

Aura

MATEUS SENNA

Um corpo se estende sobre a varanda da lanchonete. Dessa vez, o de um senhor de cabelos grisalhos a contornar, em desenho de onda, a testa alongada. Caiu despejado, esmorecido ao baixar das nuvens, no início de uma quinta-feira quente.

Estou dentro do ônibus, a caminho do trabalho, vindo de uma altura elevada a redenção daquele homem; são dez pessoas ao seu redor, entre policiais e civis. Um rapaz de jaleco posiciona sua câmera na direção do cadáver; uma mulher analisa algumas marcas roxas, nítidas na pele clara do cadáver; o motorista do carro do IML, apoiado à porta, fuma um cigarro enquanto conversa com um idoso que, pelo pacote de pão preso nos braços, acabara de vir da panificadora – ao olharem o cadáver falam algo engraçado, riem com certa timidez.

O sinaleiro abre, mas o engarrafamento não diminui, os carros não

se movem. Nem uma buzina, nem um rugido de motor, sequer um pigarro. As pessoas dentro dos automóveis, assim como todos meus colegas de transporte, estão olhando a cena.

Nada se mexe, nem os funcionários do IML, nem mesmo as folhas das árvores. O sinaleiro fecha outra vez. Ninguém ousa palavra; nem as domésticas, que sempre dão risadas altas pelo caminho; nem mesmo os estudantes, geralmente animados ao encontrarem os amigos antes da aula. A morte calou e paralisou.

O toldo da varanda do bar não chacoalha junto ao vento, os cães de rua não fuçam os lixos e os carros não se movem. A neblina se esvai e o sol da quinta-feira se abre, num faixa de luz, entre as mesas empilhadas no canto da varanda do estabelecimento e o chão de cerâmica sujo de sangue. O corpo morto é a matéria mais dinâmica do mundo. E o sinaleiro abre.

uva verde

JULIE FANK



fiz um inventário das dobras da minha infância
tabulei sapatos molhados
e uma parreira prestes a cair
há um mar revoltado embaixo das minhas unhas sujas de barro

e a árvore mais bonita do parque
um flamboyant estratosférico
abriga uma corda pendurada no galho mais alto
não sei se pra prender balanço
ou se pra alguém que perdeu o embalo

ESTAMOS TR

HÁ 2

SEM O USO DA PA

NOSSO RECORDE É

COLABORE PARA ME

ABALHANDO

1 DIAS

ALAVRA 'FORÉBIS'

DE 512 LAUDAS

LHORAR ESTE ÍNDICE

Influências

JANDER MINOSSO

– Para o meu próximo filme, eu pensei em algo meio *Almodóvar*. Aquela mistura da coisa *caliente* latina com o realismo fantástico pós-contemporâneo que quase resvala no *kitsch*, mas que se apresenta *cult*.

– Hm.

– Por outro lado, eu tenho tantas influências que acho complicado me prender a uma referência exclusiva. Não é porque eu sou um cineasta que não posso buscar inspiração, sei lá, na literatura. *Hemingway*, por exemplo; eu adoro *Hemingway*. Meu sonho é transportar aquela linguagem direta, sem floreios, aquele verdadeiro tapa na cara literário, para a câmera. E não vamos nem falar da teoria do *iceberg*. Conhece a teoria do *iceberg*?

– Aham.

– Foi o *Hemingway* que inventou a teoria do *iceberg*. Ele afirmava que um bom personagem é igual a um *iceberg*: mesmo que você só revele a superfície dele ao público, se você conhecê-lo como um todo, o leitor consegue inferir e sentir tudo aquilo que está oculto. Genial, o *Hemingway*.

– Pois é.

– Só me preocupo de olhar demais para o passado. Afinal, tem tanta gente boa aí hoje em dia. O *Vince Gilligan*, por exemplo. Cara, o *Vince Gilligan!* *Breaking Bad!* *Walter White!* Você tá me entendendo? O drama, o simbolismo das cores, a transformação de um simples professor num verdadeiro *Scarface*... Aquilo não é uma série, cara; aquilo é arte pura. É um verdadeiro prisma transversal da nossa realidade ante a falência do capitalismo nos recônditos mais ermos de uma *alma mater* que não tem mais forças para sobrepujar o *zeitgeist* que impõe seu *schadenfreude* no *arsch* do homem moderno.

– Só.

– Cara, eu preciso encontrar um jeito de colocar tudo isso no meu próximo filme.

– Você é diretor de cinema?

– Dirijo filme publicitário.

– E esse próximo filme...?

– É de sabão em pó.

– Vai ficar ótimo, cara.

– Não vai?

Give poodle a chance

VINÍCIUS PEREZ

ninguém gosta de poodle, eu sei. cada década teve seu cachorro favorito (hoje é o pug, nos anos 90 era o cachorro aquele da língua roxa). os dias do poodle passaram e olhar um é como pisar num jóquei clube quase falido onde os tapetes puídos e os funcionários cansados são os fantasmas de dias de glória do passado. o poodle virou persona non grata no clubinho de bom gosto. virou, por falta de um termo melhor, cachorro de gente burra; cachorro de filhodaputa. e eu entendo o rancor com o poodle, um dia existiram lobos encarando nevascas e hoje existe o poodle toy. mas o poodle toy é produto do homem e, essencialmente, ao odiar o poodle, o que nós estamos fazendo é odiar a nós mesmos: nós somos um poodle – somos barulhentos e mimados e estridentes. e note as marcas, os perfis políticos (haddad tranquilão, prefeitura de curitiba, dilma bolada, etc), as manchetes-meme. nós somos a geração poodle: ninguém fala sério com a gente, todo mundo faz uma vozinha tonta. a geração parmesão

com orégano de 30 cm, uns rascunho de adulto que só consegue ser firme e tomar decisões na hora de fazer sandu do subway. nós viramos reféns da "visão polarizada" de mundo da qual tanto debochamos, hiperventilando ao esbarrar em qualquer opinião contrária que não esteja embalada em trigger warnings fluorescentes.

nós precisamos perdoar o poodle e cobrar mais de nós mesmos. gostamos de dezenas (centenas?) de coisas piores que o poodle – aqueles curtas horríveis da pixar, a série house of cards: a lista é infinita. até o poodle é mais esférico do que a pessoa que as redes sociais nos tornou (o facebook é como aqueles sapatinhos que as chinesas usavam pra limitar o crescimento dos pés). o poodle é um cachorro complexo. ele é visualmente paradoxal, a pelagem fofinha e branca em contraste aos olhos remelentos com olheiras fundas, gengiva e caninos que vazam do focinho, os olhos psicopáticos. é como se colocassem uma peruquinha de louis xv no mano brown. bom demais.

ANDRÉ PACKER

Da capacidade de provocar

Há uma semana comecei a assistir uma série britânica chamada *Black Mirror*. São episódios divididos em contos, sem repetição de personagens, e sim de uma temática. E, acredite, os temas tratados irão te incomodar. No primeiro episódio, de forma sucinta e evitando qualquer spoiler, sexo, política e porco formam a base da história. Use a imaginação.

Digo isso para dizer o que mais me chama atenção em um filme, série, livro ou peça de teatro: a capacidade de provocar nojo, repulsa e incômodo. Gosto de histórias que escancaram a crueldade do ser humano. O nojo com que um filho com deficiência é tratado nas páginas de *O Filho Eterno*, ou a forma como o comandante de um exército abusa sexualmente de um 'guerrilheiro' de 10 anos em *Beasts of no Nation*.

Má Conduta, livro com seis contos escritos pelo paranaense Matheus Lara, cumpre sua missão quando o assunto é provocar repulsa. Nas histórias, o escritor (e jornalista) aborda temas como violência contra mulher, violência familiar, estupro e mais algumas bizarrices que nem saberia como conceituar. A obra escancara tudo que existe de podre em nossa sociedade e insiste em bater nos

assuntos que gostamos de ignorar.

O pai de família que transou com um travesti e não tem medo de falar: “Eu quero matar essa coisa”, é uma das incoerências nos contos de Matheus. Independente do conto, você vai perceber como os surtos de ira, se revelados em determinados momentos, causam situações extremas.

Diálogos tarantinescos são outra característica de *Má Conduta*. Assim como a conversa sobre “Like a Virgin”, no início de *Cães de Aluguel*, que não leva para lugar nenhum, Matheus traz diálogos casuais e cotidianos que podem parecer inúteis. Por outro lado, tais conversas têm importância fundamental para construir personagens e humanizar histórias – pense em quantas horas do seu dia você conversa sobre besteiras. O escritor quer mostrar que, assim como você, a pessoa que comete um ato completamente insano também come, dorme, é comum.

Esse é o segundo livro de Matheus Lara; o primeiro de contos. Para quem gosta de histórias provocantes, *Má Conduta* é uma ótima indicação. Das mesmas terras frias dos contistas Dalton Trevisan, Domingos Pellegrini e Luís Henrique Pellanda, aparece um escritor a ser observado.

[...]

MATEUS
 JOSÉ
 MINEIRO

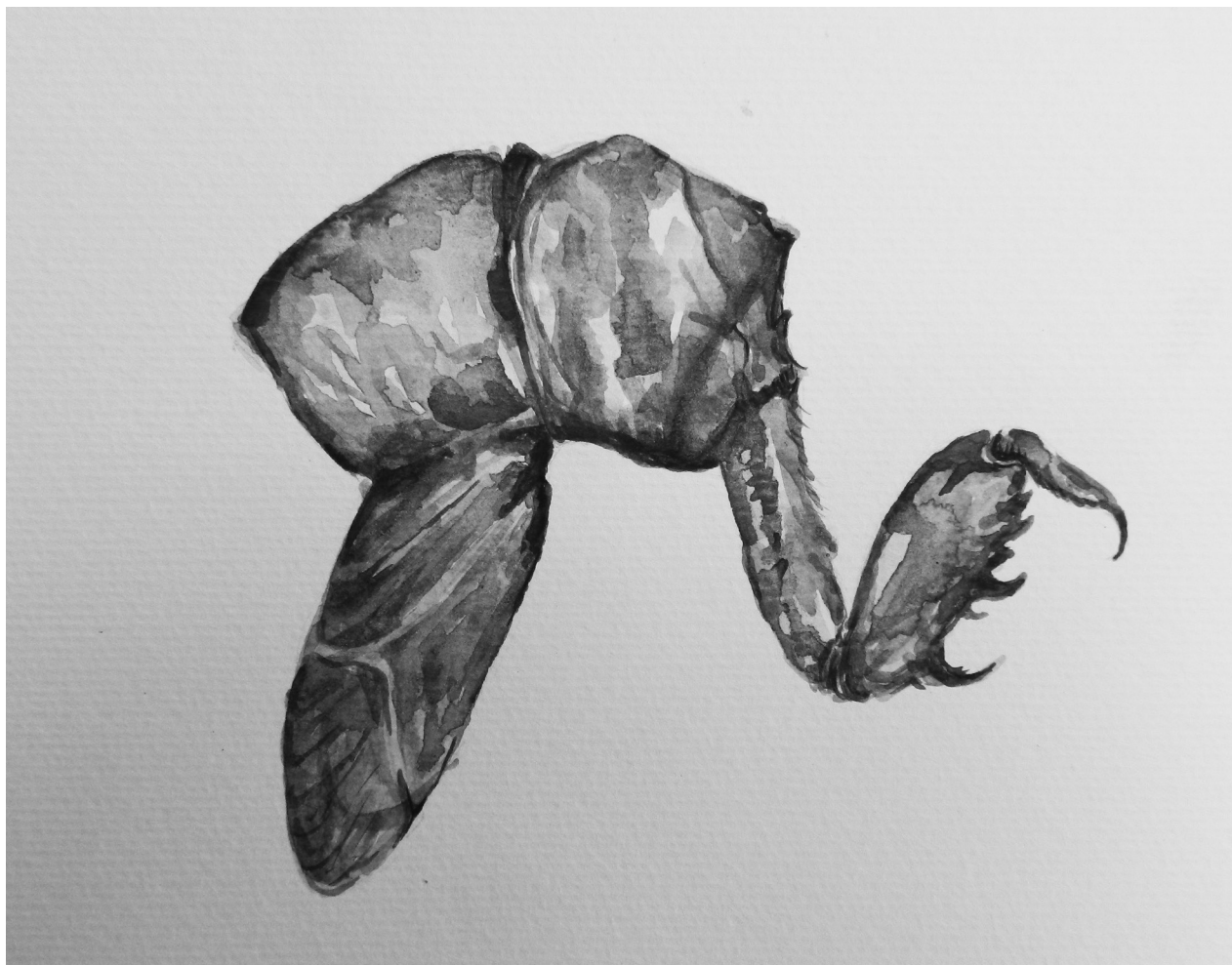
o poema em posição de mudra
 antídoto que medita
 em cima da ogiva nuclear.

quando caminha,
 caminha em topografias acidentadas,
 com um jeans-azul encharcadíssimo,
 mas caminha.

posiciona o crânio num raio x
 que exhibe a estrutura esquelética
 de um ornitorrinco perfurado
 por 365 arbetales e arpões.
 enquanto no travesseiro, a cabeça
 é uma manada de éguas castradas
 relinchando por toda madrugada
 dentro da sua quitinete
 com paredes estressadas em verde-musgo
 imaginando aquele gosto lilás do sossego
 que estabiliza o batimento cardíaco
 duma jubarte
 que escapou do barco pesqueiro
 e escorou-se dentro do peito.

LUIZA CANTANHÊDE

Treinamento



Na barriga da minha mãe
eu andava pelos babaçuais
do Maranhão.

Não sabia ainda a função
do machado. O coco aberto
e ferido. O azeite.

Depois conheci a fome
e a lâmina.

LÁZARA PAPANDREA

Ofício

Levantar com o sol uma nova questão
No meio da manhã já ter matado um leão
de fome
de frio
de raiva
de insolação.

Levantar como quem eleva a mão
pede graças
e obtém perdão.

Cavar do chão
do céu
do mar
da ventania
a pedra de amolar o dia.

FELIPE GOLLNICK

O ano do Borussia Mönchengladbach

Em 2013, por ocasião das celebrações do Ano da Alemanha no Brasil, a CBF convidou um time alemão para disputar o Campeonato Brasileiro. A escolha coube à Deutscher Fußball-Bund, a prestigiosa Federação Alemã de Futebol, que, após uma série de reuniões, aceitou o convite e indicou o Borussia Mönchengladbach.

Os cartolas alemães acreditavam que, com o 8º lugar na temporada anterior da Bundesliga, o clube não provocaria um desfalque tão grave a ponto de debilitar o campeonato, mas também não faria feio no imprevisível certame tupiniquim. Os dirigentes se mostraram entusiasmados com a ideia, mas, antes de levá-la a cabo, acharam por bem consultar a torcida. Por meio de urnas espalhadas pelos principais pontos de Mönchengladbach, 59% dos mais de 60 mil sócios aprovaram o périplo brasileiro. O resultado apertado mostrou a desconfiança do público, mas os receosos foram logo contagiados por um espírito aventureiro: uma temporada nos trópicos faria bem ao espírito do Borussia, aos cofres do time, à moral dos dirigentes e aos pênis dos jogadores.

Em movimento similar, a imprensa alemã também se mostrou inicialmente dividida: após certa hesitação, as publicações embarcaram num crescente de euforia conforme a rodada inaugural se aproximava. O jornal Frankfurter Allgemeine Zeitung falava em “aventura perdida na floresta”. Nas colunas e até em alguns editoriais, o Berliner Morgenpost começou cético, mas logo passou a divertidas previsões sobre o desempenho do Borussia entre os clubes brasileiros. Em uma longa matéria, o Der Spiegel transitou entre uma lucidez impressionante e uma análise desesperadoramente baseada no senso comum, explicando historicamente a influência de atores externos no futebol local e alertando que os jogadores alemães estariam expostos à malária e a ataques de jacarés e macacos durante a estadia no Brasil.

Antes do início do torneio, houve um certo entrevero político. Para acomodar o Borussia Mönchengladbach na tabela de vinte times sem provocar um esdrúxulo número ímpar de participantes, a CBF precisou rebaixar, às pressas, mais um clube para a Série B. Sem ninguém que a pudesse

defender, a Portuguesa foi obrigada a participar da Segunda Divisão por ter terminado em 16º lugar no ano anterior. Recursos no STJD e na justiça comum foram em vão. A medida provocou um efeito dominó nas outras divisões: o Guaratinguetá precisou ser rebaixado à Série C, o Brasiense caiu para a Série D, e um time do qual ninguém se lembrava foi excluído, escorrendo para o limbo que fica abaixo da Quarta Divisão, passando a se contentar com um calendário que incluía apenas o campeonato capixaba. O deputado federal Romário Faria ameaçou instaurar uma CPI para investigar o caso.

Faltava decidir o estádio no qual os jogos seriam mandados. Propostas das mais diversas foram formalizadas: o Grêmio cobrou caro demais para o Borussia jogar em Porto Alegre; o São Paulo pediu pouco pelo aluguel, mas os dirigentes alemães não gostaram do Morumbi. Os melhores estádios ainda não existiam – estavam ou em construção ou em obras para a Copa do Mundo da FIFA 2014. Uma comitativa realizou uma rápida excursão pelo país em busca de

canchas adequadas, mas, no final, decidiu-se que o melhor mesmo era mobilizar centenas de operários para desmontar o Borussia Park, em Mönchengladbach, embarcar as arquibancadas em aviões cargueiros de larga escala e remontá-las em tempo recorde na pacata Santa Cruz de Cabrália, na Bahia.

(Ao fim do campeonato, Ricardo Teixeira pediu secretamente ao Borussia para que deixasse o estádio lá mesmo, para que fosse usado como coringa, na eventualidade da Arena da Baixada não ser concluída a tempo para a Copa. Relatos dão conta de que Werner Fritzmann, gerente de logística, deu largas risadas após o pedido, deliciando-se com o fato de que Teixeira ainda não sabia que os assentos e metade dos telhados já regressavam à Europa em navios.)

* * *

Um chatíssimo empate em 0 a 0 contra o Cruzeiro, em Ipatinga, marcou a estreia do M'gladbach e frustrou a expectativa inicial de jornalistas e curiosos. Os 700 torcedores que lotaram a área de visitantes, no entanto, gritaram de forma fervorosa

e entoaram cânticos indecifráveis durante todo o jogo. Na quarta-feira seguinte, 54 mil pessoas lotaram o Borussia Park baiano para ver o clube alemão derrotar o Goiás por dois a um. Nas rodadas subsequentes, o estilo de jogo organizado e aguerrido fez o Borussia se sobressair e acumular uma sequência de resultados satisfatórios. Ao final do 1º turno, o time aparecia entre os postulantes a uma vaga na Libertadores do ano seguinte.

Empresas de transporte aéreo não previram o impacto que o Brasileirão daquele ano causaria em suas operações. A procura por passagens nas linhas que partiam de Frankfurt para São Paulo ou Rio e dessas cidades para Salvador aumentou exponencialmente, e nem os altos preços dos bilhetes impediram os torcedores de viajar para o Brasil em um dia, ver o jogo do Borussia e voltar para a Alemanha para trabalhar no dia seguinte. Em julho, a Lufthansa chegou a inaugurar uma linha direta Frankfurt-Salvador, com dois voos diários que aterrissavam sempre com quase todas as poltronas ocupadas.

Estranho no ninho, o esquema

tático do técnico suíço Lucien Favre foi logo mapeado pelos adaptáveis times brasileiros. Confronto após confronto, a sofisticação alemã foi progressivamente neutralizada por correrias, dribles desconcertantes, carrinhos e gritos na cara após os lances mais disputados. Uma série de dois empates e quatro derrotas no começo do 2º turno fez o Mönchengladbach despencar na tabela, chegando à 16ª colocação a dez rodadas do encerramento do torneio. Torcedores brasileiros que simpatizaram com o Borussia no início do campeonato já pediam a cabeça do treinador – agora apelidado de Favão – quando o time resgatou um pouco da garra alemã para engatar três vitórias consecutivas e respirar aliviado, fugindo da zona de rebaixamento.

Na rodada final, as arquibancadas do Borussia Park lotaram pela última vez na Bahia: a duras penas, o combinado da Westphalia arrancou um empate pelo placar mínimo contra o Santos (que já se contentava com a vaga na Sul-Americana). O resultado garantiu ao M'gladbach o 11º lugar na tabela, colocando-o exatamente entre o

Corinthians e o Coritiba.

* * *

No regresso à Alemanha após a temporada brasileira, o Borussia trouxe na bagagem uma lembrança particularmente carinhosa: o belíssimo gol do atacante Mike Hanke, artilheiro do time na temporada. O lance ocorreu no Moisés Lucarelli, na vitória por 2 a 0 contra a Ponte Preta, em jogo válido pela 9ª rodada. Após dominar uma bola espirrada na entrada da área, Hanke manteve o controle e a calma, driblou dois enquanto ia para o lado direito e encontrou espaço para um chute cruzado, no ângulo, sem chances para o goleiro Fabinho. O tento valeu o troféu Bola de Prata de gol mais bonito do ano. Já de volta ao país natal, Hanke não pôde comparecer à cerimônia de premiação. Em um vídeo exibido durante o evento, o jogador agradeceu pelo reconhecimento enquanto falava em alemão. Os organizadores não tiveram tempo de traduzir o discurso e o clipe foi exibido sem legendas.

No ano seguinte, a seleção brasileira perdeu de 7 a 1.

VALÉRIA PARELHO

os dispostos se atraem

o meu amor
tem asas
o seu amar
tem âncora
eu ensaio loopings
há céus
você não sai
do seu lugar
ao cais
no entanto
jamais ousamos
entregar
os pontos
você: meu pseudo-espaco
eu: seu improvável porto

TERRA INCÓGNITA

Teolinda Gersão – A árvore das palavras e seu momento nevrálgico

Daniel Osiecki

A literatura africana de língua portuguesa na última década tem colocado em evidência alguns nomes como valter hugo mãe, Filipa Melo e, principalmente, Mia Couto. Depois da publicação do romance *O outro pé da sereia* (2002), de Couto, alguns autores africanos de língua portuguesa têm sido publicados no Brasil com frequência. São escritores portugueses que, de alguma forma, retrataram os conflitos entre as colônias na África e Portugal, como António Lobo Antunes, Lídia Jorge, Almeida Faria e Teolinda Gersão. Eles despertam interesse em alguns leitores brasileiros, geralmente estudantes de Letras. Ainda falta muito para que o público leitor daqui se interesse, em larga escala, por esses autores um tanto desconhecidos.

Um dos nomes mais originais dessa gama de escritores portugueses contemporâneos é Teolinda Gersão. Ela nasceu em 1940, em Coimbra, onde formou-se em Letras Germânicas. Atuou como professora de Literatura Portuguesa e Alemã em cursos de Letras em Portugal, Brasil e Alemanha. Com a publicação de *A casa da cabeça de cavalo* (1995), passou a se dedicar exclusivamente à literatura.

O romance *A árvore das palavras* (1997), seu livro mais relevante, apresenta um mosaico narrativo no qual vários narradores se alternam entre os capítulos. Gita é a protagonista que, ainda menina, narra tudo o que vê com um olhar fantástico, com forte apelo sensorial de uma infância marcada por mudanças sociais e políticas em um país que luta por independência. Aos poucos, porém, conforme a narrativa (ou narrativas) vai avançando, nota-se que a independência não é apenas o desejo de Moçambique tornar-se livre de Portugal, mas sim despir-se de preconceitos arraigados em todas as classes sociais.

Em várias passagens do romance, Gita se refere às “casas preta e branca”, atribuindo especificações bastante características a cada uma delas. Essa segregação, que desde cedo fez-se evidente em sua vida, serve como um microcosmo de toda África. Há de se levar em consideração duas personagens

fundamentais do romance: Amélia, a mãe branca de Gita, e Lóia, uma espécie de ama-de-leite. Amélia representa a classe média portuguesa decadente que não é aceita em nenhum lugar — nem em Portugal, nem na África. Por isso aceita casar-se e se mudar para Moçambique, onde, em meio à guerra, ela é apenas uma empregada das damas da classe média de Lourenço Marques – atual Maputo –, as quais não aceitam seu casamento com um negro. Amélia traça um perfil geral da África e não gosta do que vê. Assim sendo, não se sente pertencer a lugar algum. Amélia é um ser provisório em constante crise existencial.

Por outro lado, Lóia é a personificação da pureza e da ingenuidade tão marcante na infância de Gita, que ecoa por toda sua vida. Tanto que Gita, involuntariamente, substitui a presença materna de Amélia por Lóia. Negra, pobre e não pertencente a nenhuma classe social aos olhos de Amélia, Lóia representa todo um povo oprimido e sedento por liberdade, mas que ainda não tem conhecimento de sua força.

Durante todas as pequenas narrativas que compõem o romance, há um evidente tom intimista que, ajudado pelo foco narrativo em primeira pessoa, confere uma poeticidade singular à narrativa de Teolinda Gersão. Em vários momentos, Gita assume estar narrando uma história, o que a torna uma narradora pouco confiável com relação ao que afirma ser verdadeiro. Artifício muito bem explorado por Teolinda, que deixa o leitor percorrer esses meandros poéticos e lacunas deixadas por ela.

A árvore das palavras é um romance de formação que tem como protagonista, além de Gita, a própria África. A cidade de Lourenço Marques é descrita como um espaço de contrastes bastante evidentes muito bem representados, principalmente pela metáfora das casas branca e preta. Romance forte e muitíssimo bem estruturado, *A árvore das palavras* chama a atenção por sua forte carga poética, e é exatamente nisso que Teolinda Gersão atinge seu momento nevrálgico na literatura.

CARLA KINZO

não mora no tijolo a casa
ou no barro

não está na porta a saída
ou no escuro o medo

o caminho não é o que afirma
o papel
o mapa
não é o terreno

não depende da palavra amor
o amor

nem toda confissão nem todo metro
é poema

como nem toda água salgada é lágrima
ou mar

